DOI 10.22478/ufpb.2317-6725.2019v24n41.47606

Mulher rendeira: re-tecendo afetos e identidades de gênero nos sertões contemporâneos

Lace crafts woman: reweaving affections and gender identities in contemporary backlands

Gislene Moreira
https://orcid.org/0000-0002-7752-7607
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: A colonização dos sertões do Brasil foi conduzida pelo gado. Boiadas e vaqueiros deixaram rastros e fixaram limites de identidades de gênero muito rígidos, marcados pelo patriarcado. Nos anos 2000, novos cenários econômicos, políticos e culturais parecem permitir a emergência de outras configurações possíveis para as tradicionais definições de homens e mulheres sertanejos. Este artigo trata das mudanças provocadas pela globalização periférica que impactaram na divisão sexual do trabalho, nos modos de vida e nas representações de gênero na zona semiárida da Bahia. Ele faz um recorte feminista sobre as representações femininas expressas a partir das inovações sociais e sexuais nos sertões. Para entender este cenário, o estudo mescla aportes da Nova História, da Sociologia Simbólica e do Ecofeminismo, com a macro-narrativa da Economia Política. A iniciativa faz uma revisão histórico-bibliográfica integrada com análise de produtos audiovisuais das últimas décadas. Em síntese, este estudo dedica-se a perceber quem são esses homens e mulheres híbridos, entrincheirados entre a tradição e a pós-modernidade, entre o passado e as novas tecnologias da informação, entre o de-sertão e o mundo globalizado, entre os "cabra machos" e "bois neons". As respostas apresentadas são pistas para entender esta nova geração de sertanejos e sertanejas, que em um acelerado processo de mutações, estão re-tecendo seus modos de vida.
Palavras-chave: Identidade. Gênero. Semiárido.

Abstract: The colonization of the backlands of Brazil was conducted by cattle. Cattle and cowboys left tracks and set very strict limits on gender identities, marked by patriarchy. In the 2000s, new economic, political and cultural scenarios seem to allow the emergence of other possible configurations for the traditional definitions of backcountry men and women. This article deals with the changes provoked by the peripheral globalization that impacted the sexual division of the work, the ways of life and the gender representations in the semiarid zone of Bahia. He makes a feminist cut about the female representations expressed from the social and sexual innovations in the backlands. To understand this scenario, the study mixes contributions from New History, Symbolic Sociology and Ecofeminism, with the macro-narrative of Political Economy. The initiative makes a historical-bibliographic review integrated with analysis of media products. In short, this study is dedicated to understanding who these hybrid men and women are, entrenched between tradition and postmodernity, between the past and new information technologies, between the sertão and the globalized world, between the "Male goat" and "oxen neons". The answers presented are clues to understand this new generation of backcountry and backcountry, which in an accelerated process of mutations, are reweaving their ways of life.
Keywords: Identity. Gender. Semiarid.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional

Introdução

Na modernização capitalista dos sertões globalizados, a antiga zona das secas tem se afastado da ideia de "lugar-problema", historicamente associado à fome, à falta de chuvas e à violência, para se apresentar como um território de oportunidades no discurso do "semiárido" (Moreira, 2018; Silva, 2003). Se até mesmo os conceitos e paisagens dos sertões têm sofrido alterações profundas, como não estarão sendo afetados os homens e mulheres destas terras? Este artigo entende que as definições de gênero nos sertões também não são estáticas.

Este artigo trata das mudanças que a globalização periférica gerou na divisão sexual do trabalho, nos modos de vida e nas representações de gênero na zona semiárida da Bahia. Ele faz um recorte feminista das transformações políticas, econômicas e culturais dos sertões nordestinos nos anos 2000. Para entender este cenário, o estudo mescla aportes da Nova História, da Sociologia Simbólica e do Ecofeminismo, com a macronarrativa da Economia Política.

A partir destas leituras, a iniciativa faz uma revisão histórico-bibliográfica integrada com análise de produtos culturais. Para apresentar os marcos da formação identitária sertaneja, revisita obras clássicas da literatura e as coloca em debate com as narrativas simbólicas invisibilizadas, como a culinária e as festas populares. Sobre as alterações discursivas contemporâneas, se debruça sobre inovações no cinema e na televisão nas últimas duas décadas. Os resultados gerados são colocados em perspectiva com os olhares sobre as identidades de gênero de mais de 500 jovens sertanejos que participaram de "rodas de conversa" entre 2012 e 2017. A iniciativa é fruto de cerca de 20 anos de pesquisação junto a movimentos sociais como a Comissão Pastoral da Terra e o Movimento de Organização Comunitária, entre outros.

Em síntese, este estudo dedica-se a perceber indicativos das identidades de gênero dos novos sertanejos entrincheirados entre a tradição e a pós-modernidade, entre o passado e as novas tecnologias da informação, entre o de-sertão e o mundo globalizado, entre os "cabra machos" e "bois neons". As respostas apresentadas são pistas sobre esta nova geração em mutação, que estão retecendo seus modos de vida e seu lugar no mundo.

Os sertões dos bois e dos cabras-machos

Em 1500, Pero Vaz de Caminha batizou de "de-sertão" as zonas distantes, desconhecidas e hostis ao projeto colonizador. No princípio, incluía até mesmo vastas áreas costeiras. De lá pra cá, o termo foi se reconfigurando e estabelecendo novos limites e significados. Em suas definições mais clássicas, o "sertão" foi associado ao rural, ao atrasado e ao velho. Como um termo de distinção, remete ao "outro" civilizatório. Nesta invenção, geográfica e culturamente, se tornou lugar comum identificar os sertões às terras áridas do Nordeste (Albuquerque Júnior, 2001). Neste cenário, as identidades de gênero remetem aos marcos da colonização e do patriarcado, em que ao longo de mais de três séculos de estagnação e isolamento, os sertões nordestinos foram fixando limites e conceitos das identidades e relações de gênero, em torno da "civilização do couro" (Menezes, 1937).

O boi foi o motor econômico e simbólico que forjou as identidades sertanejas tradicionais. Em quase todas as civilizações da humanidade, ele aparece como elemento mítico venerado como uma divindade agrária associada à fertilidade e ao sacrifício. No projeto colonizador, foi parte da expansão dos limites da dominação

eurocêntrica. Em comum, as culturas que emergiram desta relação evocam características do trabalho em condições extremas, como a valentia, a força, o rústico e a virilidade como um traço cultural (Moreira, 2018).

No sertão nordestino, o vaqueiro personificou essas relações, incorporando no corpo e na alma os traços característicos do trabalho de pastoreio (Schistek, 2013). Nesta tipologia, *cangaceiros* e *coronéis* completaram o perfil dos sertanejos, em que os machos aparecem como protagonistas de um enredo hostil e violento (Leal, 1997; Rêgo, 2008; Vilaça e Albuquerque, 2003; Cascudo, 1969; e Mello, 2011).

O "cabra da peste" emergiu deste cenário como síntese simbólica da "sertanidade" masculina e violenta (Vasconcelos, 2012). Desde a perspectiva materialista-histórica, a violência masculina nos sertões é um reflexo do latifúndio patriarcal, entendendo a posse da terra como elemento constitutivo das identidades dos sertanejos tradicionais.

Durante séculos, este marco se expandiu a outras áreas. Na política, o discurso da seca legitimou o coronelismo latifundiário, em que a posse da terra, e estendeu o domínio territorial ao corpo feminino, e às deliberações de suas próprias vidas, de suas famílias e das comunidades (Rêgo, 2008; Safiotti, 2017). Na cultura, a imprensa, a literatura, as artes plásticas e o cinema contaram e recontaram os sertões desde a voz e a perspectiva masculina.

Esta perspectiva está representada em romances clássicos sobre a região, como *O Sertanejo* de José de Alencar (1998), ou *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1995), e *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro (2010) que visibilizaram o protagonismo masculino, a cultura patriarcal e a imposição da barbárie nestas terras. Eles fazem parte da construção do discurso hegemônico, o qual pertence ao território do boi: um sertão monolítico, masculinizado, árido, bárbaro e estéril.

Em termos estéticos, essas obras remetem a cores telúricas, as paisagens secas e de chão rachado, e os personagens famélicos. Seus enredos retratam relações e imagens que exterminaram, excluíram, diluíram ou ignoraram as contribuições do "outro", em particular, das mulheres.

As mulheres invisíveis

A existência das mulheres nos sertões aparece vinculada no seio da *família,* já que esta representa a matriz de reprodução das identidades nesse espaço. Em torno do chefe e de suas alianças familiares, econômicas e políticas, organizaram-se boa parte das tradições do "sertanejo". Os códigos da violência e dominação patriarcal estiveram presentes nas dinâmicas domésticas, com uma ideia de família que servia à posse da terra e manutenção das relações de poder (Rêgo, 2008). As mulheres foram também elas reduzidas a símbolo de posse, exploração e ostentação das práticas de dominação patriarcal (SaffiottI, 2017). Com este modelo familiar, o monopólio agrário estendeu a violência da ocupação ao trato com as mulheres (Vilaça e Albuquerque, 2003).

Neste sentido, é fundamental destacar que o povoamento sertanejo não seria possível sem a política civilizacional de extermínio indígena e escravidão negra. O colonizador não apenas se apropriou das terras e do trabalho destes povos, como também dos corpos de suas mulheres. Desta matriz ocupacional, nasceu a associação entre sertões, violência e patriarcado.

As práticas de violações e defloramentos eram constantes no surgimento das

famílias sertanejas. A violência era legitimada pelo Estado e pela Igreja, que "puniam" os violadores com a ideia da reparação do dano por meio do casamento da vítima com o seu algoz. A Igreja desenvolveu a ética feminina de opressão, na qual a religiosidade das mulheres era parte de uma moral repressora, em que elas mesmas deviam atuar como guardiãs das tradições, da família, da religião cristã e dos "bons costumes" (Guedes, 2008; Hoefle, 1995).

O controle da propriedade privada nos sertões nordestinos se expandiu ao controle de seus corpos. Não por acaso, a menstruação, símbolo da feminilidade era chamado pelas sertanejas de "estar de boi". O boi, com toda a sua marca no sertão dos latifúndios ganadeiros, é a representação da condição biológica que representa a opressão feminina.

Essa condição de invisibilidade e anulação das mulheres se reforçou na literatura, contada prioritariamente por homens. Os poucos romances que tiveram sertanejas como protagonistas, como *Luzia Homem* (2016), de Domingos Olímpio, ou *Grande Sertão Veredas* (2001), de Guimarães Rosa, exploram figuras femininas que precisam anular/esconder sua identidade de gênero para assumir o primeiro plano da trama. Elas incorporam as vestimentas, hábitos, enredos e narrativas do cabra-macho. Tanto Luzia, como Diadorim, são versões masculinizadas que reproduzem os códigos da violência e reforçam o sertão hostil, árido e macho.

Resgate do legado feminino

Mas em meio a tanta aridez, há veredas. Mais recentemente, uma série de autores tem tentado, através de novas historiografias, recontar a trama da vida real e apontar possibilidades de outros papéis às mulheres sertanejas, evidenciando outras perspectivas do feminino e problematizando estereótipos.

Reconstruir o lugar e a contribuição das mulheres pelo sertão ainda é uma tarefa árdua, que demanda esforços diferenciados para perceber aquelas que sempre foram ocultas como nos trabalhos das historiadoras Novais (2011), Tânia Vasconcelos (2013) e Vânia Vasconcelos (2017).

Na ficção, Graciliano Ramos (2006) apresentou Sinhá Vitória como símbolo da feminilidade em *Vidas Secas*, atuando como cuidadora da casa e dos meninos. Raquel de Queiroz, a mais relevante mulher escritora dos sertões, também aponta um papel similar para Corduína, esposa de Chico Bento no romance *O Quinze* (2016). No flagelo sertanejo, Sinhá Vitória e Corduína são as administradoras da fome.

Destaca-se na obra de Queiroz, outra mulher, Conceição, uma professora, culta, que recusou o casamento, e fazia cargo dos cuidados aos retirantes nos campos de concentração (Andrade, 2015). Conceição representa mulheres que exerceram função pública de educadoras e da caridade.

Mas mesmo reconhecendo estas personagens e contribuições, em síntese, todas essas mulheres se moveram nos territórios da invisibilidade. Na ficção ou na vida real, foram responsáveis pelos cuidados domésticos, sociais, culturais e psíquicos no sertão (Cardoso, 1982; Falci, 1997; Matos, 2012).

Ao longo da história da humanidade, essa ação feminina – restrita pelo patriarcado aos limites do privado - foi responsável por uma série de limitações e restrições do potencial feminino (Arendth, 1993; BeauvoiR, 1980; Butler, 2003). Simone de Beauvoir, no Segundo Sexo (1980), indica que a negação ou minimização das contribuições das mulheres no mundo (e por extensão nos sertões) representa o olhar

e a perspectiva masculina sobre a História.

Esta ideia é o ponto de partida para reinterpretar a invenção do território sertanejo (Albuquerque Júnior, 2001), que ao longo de séculos ignorou, minimizou ou limitou as contribuições femininas. A intenção aqui é evidenciar, visibilizar e valorizar seu legado. É obvio que os séculos de violência e limitações precisam ser relembrados e denunciados, e nem se quer negar que em seus papeis sociais cotidianos essas mulheres vivenciaram e reproduziram as lógicas patriarcais. Mas o interesse dessas linhas é descolonizar o olhar, para valorizar, desde as margens, a importância do fazer das mulheres na invenção dos sertões que estão para além das representações convencionais.

A antropóloga francesa Veronique Bulteau (2016) conta que, ao visitar a região se surpreendeu com o cenário de festa que encontrou nos anos 1980. Ao invés da aridez, da barbárie e dos seres miseráveis descritos pela mídia e literatura hegemônica, encontrou um sertão permeado pela "alegria de viver". Atribuo esse paradoxo a mulheres como Sinhá Vitória e Corduína, que transmutaram os sertões para além da administração da miséria. Também na minha memória afetiva é difícil evocar os sertões pobres dos "clássicos" literários. A marca dos "sertões" em minha memória, sempre foi a fartura dos quintais, a partilha e a generosidade das roças das avós.

Os sertões coloridos e afetivos são interpretados como parte das reapropriações cotidianas dos discursos e sentidos dos marginalizados. Eles fazem parte de uma *criatividade tática* (Certeau, 2000), em que nas batalhas do cotidiano essas mulheres desenvolveram mecanismos de afirmação e sobrevivência frente às *estratégias* de construção e manutenção do patriarcado. As mulheres sertanejas, nas sombras (Jung, 1964), teceram a vida e a alegria sertaneja que mitigaram a existência árida do sertão patriarcal latifundiário. Foram elas que alimentaram cotidianamente, os corpos e a alma com sentidos, encantos e afetos.

Mas isso não se encontra na superfície, nem na aparência dos discursos hegemônicos sobre os sertões. Essa cultura da roça se faz perceber desde um giro de perspectiva, de uma nova epistemologia decolonial (Quijano, 2005), em que é necessário redescobrir o legado destas mulheres nas expressões, ritmos e representações estéticas das populações subalternas que durante séculos foram ignoradas.

Neste redesenho das táticas de resistência subalterna do feminino, quero destacar o lugar da roça como espaço de reconstrução simbólica das relações e identidades de gênero. A roça é uma pequena porção de terra dedicada à agropecuária de subsistência como complementação de renda dos trabalhadores rurais e vaqueiros que serviam aos grandes latifúndios (Ribeiro, 1997; Furtado, 2004).

A roça é entendida como espaço invisível, no qual se teceram os principais elementos cotidianos de resignificação e resistência popular diante da violência da estrutura latifundista. O cultivo nestes minifúndios domésticos era reservado prioritariamente aos cuidados femininos e de sua prole, como forças de trabalho não remuneradas. Enquanto a propriedade da terra sempre foi um privilégio masculino, a lida na roça era uma responsabilidade feminina.

No ecofeminismo (Mies e Shiva, 1998), os milênios de patriarcado afastaram os homens do ambiente doméstico, e delegaram às mulheres as funções de cuidado: das crianças, da casa, da água, da terra, e da reprodução da vida. No sertão, esta destinação do trabalho feminino aos cultivos de subsistência e abastecimento d'água na roça, obrigou estas mulheres a desenvolverem uma série de habilidades e saberes que

foram culturalmente sendo associadas ao feminino, como a tradição das ervas e da cura, o trato com a água e as sementes, o abastecimento alimentar e a culinária, as providências para o parto e a preservação da vida.

Essa reserva permitiu às genitoras desenvolverem uma dimensão afetiva e de encantamento do mundo a partir do cultivo da terra. Enquanto a relação homem-natureza nos sertões se deu a partir da dominação, invasão e violência do boi mítico, a relação mulher-natureza desde a roça esteve muito mais vinculada à adaptação, ao convívio e culto à caatinga. É fundamental esse giro do olhar para perceber como se produziu, nos minifúndios e nas cozinhas, não apenas a produção do alimento do corpo no sertão, mas principalmente os alimentos da identidade e da alma sertaneja.

Em especial, às mulheres mestiças, fruto do estupro colonizador, devemos a transmissão de nossas lendas, estórias e batuques. Foram elas as responsáveis pela riqueza genética de espécies vegetais dos nossos quintais, pela transmissão de sementes crioulas, e pelos rituais que compõem o vasto legado cultural sertanejo (Menezes, 2013).

Dentro dos limites destes minifúndios e seus fogões, cultivaram-se os principais elementos afetivos do sertão tradicional, como a gastronomia à base de farinha de mandioca, o ritmo ditado pelas músicas de trabalho e ciclos da colheita, a religiosidade constituída pela fé na chuva e nos ancestrais, e o terreiro da fartura e da partilha.

O trabalho invisível destas mulheres introduziu uma série de alternativas alimentares, e também de signos e símbolos identitários. Para além da farinha, galinhas, bodes, andus, abóboras e taiobas, elas garantiram um mínimo de nutrição, variedade gastronômica e riqueza cultural no ambiente limitante da monocultura ganadeira. Com suas roças e fogões, cultivaram e elaboraram um vasto patrimônio cultural, a partir dos subprodutos desprezados pelas elites.

Desde a periferia da sociedade, da roça e dos serviços domésticos, as sertanejas teceram ou remendaram as identidades fragmentadas, alimentaram os corpos de sabores, e as almas sertanejas de sonhos. Se existe um sertão de afetos, encantos e fartura, esse sertão é feminino. Mas será que em meio às transformações identitárias, como essas sertanias subalternas se apresentam nas novas representações de gênero?

Os semiáridos e as mulheres emergentes

As sertanejas não permaneceram inertes aos projetos de modernização do país. A República foi o marco político do projeto de Brasil moderno. E o episódio que definiu a relação deste novo país com os sertões foi a Guerra de Canudos, que colocou o Brasil em contraposição aos insurgentes sertanejos. Desde o arraial de Belo Monte, as mulheres foram ignoradas e/ou massacradas pelo Estado e eliminadas dos relatos oficiais e testemunhais (Calasans, 2002).

O medo de que essas mulheres engendrassem novos “Canudos”, moldou as primeiras políticas de combate à seca (Oliveira, 2008). Como parte do projeto de apropriação do sertão pelas falidas elites nordestinas na Indústria da Seca, elas foram tratadas como flageladas, dignas de pena e caridade, em que apenas os homens eram contabilizados nas frentes de trabalho e nas práticas coronelistas que se seguiram.

Com o crescimento acelerado dos grandes centros urbanos, o país recorreu aos retirantes da diáspora sertaneja. Ao longo de décadas, o sertão foi o principal exportador de trabalhadores braçais para a industrialização das metrópoles. A ocupação das

mulheres sertanejas neste projeto foi de genitoras do exército de trabalhadores reserva. Com a onda migratória masculina, as famílias sertanejas passaram por uma acelerada desagregação social, multiplicando as "viúvas da seca" (Barroso, 1982).

Muitas se aventuraram na condição de migrantes, ocupando postos de trabalho como empregadas domésticas nas metrópoles. Mas a maioria permaneceu, fazendo da população sertaneja majoritariamente feminina. Na falta dos homens, elas ampliaram a condição doméstica de "administradoras da miséria" para a vida comunitária. Acumularam então as responsabilidades masculinas de mantenedora da renda familiar e participação na vida pública local, junto com as atribuições domésticas e dos cultivos de subsistência (Matos, 2012).

O avanço do projeto de modernização na Ditadura Militar, durante os anos 1970, ampliou esse cenário, avançando as fronteiras agrícolas para o sertão. Esse processo renomeou o território como semiárido, considerado área prioritária de grandes obras de desenvolvimento. Neste período já era possível identificar os desdobramentos das práticas migratórias, como a participação das mulheres nas frentes de emergência na seca de 1979-1984 (Jalil, 2013).

Os grandes empreendimentos acentuaram também os conflitos no sertão, sendo a roça um dos principais alvos de grilagens e violência agrária. Esse cenário, de ausência dos "cabra-macho" (ou da impotência destes diante dos novos atores globalizados), as mulheres passaram a atuar com mais protagonismo nas lutas públicas. Elas encontraram suporte em um emergente cenário de transformação da religiosidade feminina através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Vinculadas à Teologia da Libertação da Igreja Católica, as CEBs atuavam no reconhecimento e formação de lideranças leigas, iniciando a participação feminina em sindicatos, clubes de mães, associações e cooperativas. O foco era a luta de classes e a superação da pobreza (Zirbel, 2007).

A incorporação econômica e política se refletiu nos sindicatos de trabalhadores rurais, que incluíram o campesinato feminino, aposentadoria rural para as agricultoras e a licença maternidade, como agendas de luta. Um dos mais notórios exemplos de luta deste período é o de Margarida Maria Alves, a primeira mulher líder sindical na Paraíba, assassinada em 1983. A atuação de Margarida influenciou, com a redemocratização do país, a participação feminina nos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, nas Secretarias de Mulheres e posterior criação dos Movimentos de Mulheres Trabalhadoras Rurais e a Marcha das Margaridas nos anos 2000.

Esse foi apenas o início da insurgência sertaneja como resposta ao modelo patriarcal colonial monocultor. Ela faz parte da constituição de uma incipiente sociedade civil nos sertões, que junto com a ação das pastorais da Teologia da Libertação, começaram a tecer outros discursos sobre esse espaço. Surgiu então a ideia de "convivência com a seca", que mobilizou uma série de entidades em contraposição à herança coronelista patriarcal.

Neste universo de práticas alternativas, as mulheres foram reivindicadas como herdeiras e guardiãs dos saberes dos povos tradicionais, e núcleo da agricultura familiar. A partir desta ação ancestral, elas desenvolveram iniciativas de enfrentamento dos contextos de crise hídrica a partir de outras racionalidades para além do modelo de "combate à seca". Elas apontaram saberes e fazeres holísticos de valorização da água como um bem comum, cultivos agroflorestais, práticas de solidariedade e convivência com a caatinga (Funari e Pereira, 2017).

No período de redemocratização, teceram experiências piloto como o Programa

de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), que foram fundamentais para experimentar inovações de valorização da mulher no cuidado com os filhos, passando elas a serem protagonistas, gestoras da bolsa e das cisternas.

Somadas às políticas de massificação do ensino, é importante destacar que nos anos 1990, a emergência do Fundeb – Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica e as metas de escolarização contribuíram para a profissionalização do papel de educadoras. Milhares de mulheres foram incorporadas como força de trabalho na condição de professoras no interior do Nordeste.

Todas essas inovações econômicas e políticas fazem parte do contraditório processo de desenvolvimento regional de modernização conservadora que foi responsável pelo avanço da globalização capitalista no interior nordestino nas últimas décadas, mas manteve a estrutura agrária concentrada. Foi assim que os sertões começaram a virar semiárido.

Enquanto o mundo avançava em uma agenda feminista pautada pelo movimento hippie, pela minissaia e a pílula anticoncepcional, nos sertões, as mulheres reivindicavam cisternas, erradicação do trabalho infantil, educação básica e agroecologia. Essa participação, influenciada pela religiosidade das CEBS, tinha uma agenda de lutas sociais ampla, mas deixou de fora temas como educação sexual, direitos reprodutivos e dominação masculina.

Neusa Cadore é um dos exemplos de participação feminina deste período. Natural de Santa Catarina, chegou à Bahia em 1984 para o trabalho com as Comunidades Eclesiais de Base em Pintadas. Enfrentou o coronelismo de Antônio Carlos Magalhães e se tornou prefeita de Pintadas por dois mandatos consecutivos (1997 a 2004). Sua gestão, apoiada pelos movimentos sociais e camponeses, virou uma referência no Brasil de gestão participativa e convivência com o semiárido. Em 2006, foi eleita deputada estadual com a pauta das mulheres camponesas do sertão. Apesar da agenda pautar melhorias e direitos para as mulheres sertanejas, não se observam discussões que toquem a questão dos direitos sexuais e reprodutivos, como o aborto.

No nível nacional, um dos principais referentes desta nova atuação sertaneja se destacou fora dos limites do mapa nordestino. A eleição da paraibana Luíza Erundina à Prefeitura de São Paulo em 1992 foi um marco nesta agenda de lutas. Além da vitória inusitada, Luíza Erundina contrariava todo o perfil das mulheres submissas dos sertões de outrora. Ela fazia parte das primeiras gerações de sertanejas migrantes. Primeiro, se recusou a casar. Depois, migrou e negou a condição de viúva da seca. E, principalmente, rompeu os tabus assumindo o protagonismo da sua vida, da política e da vida pública na maior cidade do país.

Nesta trajetória, a identidade sertaneja foi determinante, mas nem sempre era recuperada por terceiros de maneira positiva. Raras foram as veiculações da imprensa sobre seu mandato que não destacassem sua condição de “Paraíba” (Penna, 1992). Essa associação servia como mecanismo de inferiorização e desqualificação da prefeita como gestora da capital paulista nos anos 1990. Seu mandato foi pautado como um “escândalo” nacional, e Erundina como “paraíba-mulher-macho”. Esse discurso, no centro de modernização do país, refletia as históricas relações de dominação entre as classes dominantes do sudeste (centro) e as periferias (norte e nordeste), e também a condição das mulheres sertanejas neste cenário. Erundina representava a visibilidade e ascensão pública da massa de migrantes sertanejos, historicamente classificados como sujos e incivilizados (Vasconcelos, Nunes e Silva, 2011). E principalmente, dava

voz às mulheres sertanejas invisibilizadas ao longo de séculos.

Mas apesar do discurso massivo que estigmatizava a origem nordestina da prefeita, tempos depois os brasileiros viram outro sertanejo migrante como presidente do país. A eleição do pernambucano Luís Inácio Lula da Silva, em 2002, para a presidência do país foi um marco na construção dos novos sertões.

Novas configurações sertanejas na Era Lula

Em 2016, os semiáridos nordestinos abrigavam 22 milhões de habitantes. Mais da metade (58%) eram de mulheres. A região ainda registra os piores índices socioeconômicos do país, como o de desenvolvimento humano (O IDH de 82% dos municípios tem menos de 0,8); concentração da terra (Índice de Gini de 0,6), de pobreza (com dez milhões de pessoas sem fonte de renda, e outros cinco milhões com menos de um salário mínimo) e analfabetismo (2/3 não concluíram o ensino médio) (UNICEF e ASA, 2016).

Mas apesar do cenário continuar habitando os índices e imaginários de pobreza, seca e miséria, a região passou por um giro profundo. Entre 2010-2016, a região viveu a pior seca do século. Mas não vimos notícias sobre as viúvas das secas, nem saques a mercados, nem grandes migrações de flagelados. Ao contrário, o Nordeste figurou entre os indicadores econômicos que mais cresceram no país (média de 5,4), com resultados superiores ao Sul e Sudeste (Araújo, 2015).

A virada começou com a política de esquerda no país (2003-2016), que determinou a região como alvo prioritário de suas políticas de crescimento e distribuição de renda, com os Territórios de Cidadania. Estas iniciativas aumentaram a circulação de capital e dinamização econômica sem precedentes na história do desenvolvimento regional (Araújo, 2015). Só o Bolsa Família injetou R$ 63,08 bilhões no Nordeste, gerando 807 mil ocupações, de 2004 a 2012. No semiárido, o programa de transferência de renda atendeu 3,4 milhões de famílias (Medeiros, 2012).

A grande maioria dos beneficiários era de mulheres. Foi a primeira política pública de massa que priorizou as donas de casa como foco prioritário como parte das inovações políticas e institucionais, entre as quais estavam os Conselhos Territoriais de Desenvolvimento, que estabeleceram novas dinâmicas de poder e participação social na região (Abramovay, 2014). Os impactos deste tipo de iniciativa sociais não apenas foram econômicos ou de diminuição dos índices de pobreza, mas incidiram em maior autonomia e cidadania das beneficiárias (Rêgo e Pinzani, 2013).

Eles afetaram aspectos subjetivos da autoestima e da cidadania, mais precisamente as relações de gênero. As condicionalidades do Programa Bolsa Família[1] valorizavam o papel feminino como beneficiária, e apoiavam as mães solteiras e chefes de família. Ao privilegiar a mulher como gestora da renda familiar, estas iniciativas inverteram o lugar da mulher nas famílias sertanejas, elevando-as à condição de protagonistas, e apontando consequências positivas na estrutura familiar patriarcal, na ampliação do horizonte educacional dos filhos, e em uma maior inclusão cívica e política dos beneficiários.

Estas questões de gênero, como aumento da autonomia e cidadania feminina, são citadas em avaliações de outros programas sociais que buscaram inserir e valorizar a vida produtiva e política das mulheres, principalmente no meio rural (Butto, 2011;

[1] Como a matrícula e a frequência dos filhos na escola, comprovação do pré-natal e de adesão às campanhas de vacinação.

Costa, 2014). Para além do Bolsa Família, seguramente o mais investigado dos programas, pode-se apontar outra série de iniciativas de promoção/valorização da mulher sertaneja, a exemplo do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC) e o Uma Terra e Duas Águas (P1+2), o Pronaf Mulher, entre outras iniciativas de crédito e financiamento específico para agricultoras familiares.

Programas de outras áreas, como o Mais Médicos, ampliaram o acesso da população feminina aos benefícios da saúde reprodutiva, como contraceptivos e campanhas de planejamento familiar. Outras ações, como o Minha Casa, Minha Vida, e o Luz para Todos beneficiaram os cuidados com o lar e ampliaram a inclusão feminina. Na educação, o acesso ao ensino técnico e superior possibilitou a inserção das sertanejas nas salas de aula, e no ensino profissional e universidades.

Posturas mais críticas apontam que estas iniciativas não alteraram os marcos patriarcais, e muitas até contribuíram para a manutenção da imagem feminina como provedora do lar (Gomes, 2011). No entanto, os impactos destes programas refletiram em avanços muitos significativos na condição de gênero no semiárido, favorecendo o acesso e reconhecimento destas mulheres como sujeitos de direitos. Em geral estes estudos destacam mulheres com mais autonomia, mais críticas e emancipadas, e engajadas na vida pública (Barros e Athias, 2013; Butto e Dantas, 2011; Cacciamali e Tali, 2010; Costa, 2014; Medeiros 2012; Silva, 2013; Saori, 2018; Tunari e Pereira, 2017). Mas como tudo isto impacta nas representações identitárias?

Representações em transição

Toda essa trajetória de transições dos sertões a semiárido não passou despercebida aos produtos culturais. A partir de uma releitura de uma série de obras audiovisuais, principalmente no cinema e na telenovela das últimas décadas, mergulharemos nas inovadoras representações da mulher e do cenário sertanejo. Ao passear pela análise dos emergentes discursos e configurações identitárias da produção cultural dos anos 1980 a 2017, é possível descobrir pistas sobre quem são as novas mulheres e homens sertanejos. Iniciaremos nosso percurso com o processo de redemocratização do país.

Na retomada do cinema nacional nos anos 1990, o sertão tradicional reaparece adaptado às novas linguagens mercantis do audiovisual. Deste período, destaca-se *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles, como principal marco da nova relação entre as Indústrias Culturais e o mercado, e também do início das descobertas destes sertões mais complexos e contraditórios. O filme representou a etapa no cinema nacional das políticas neoliberais de cultura, que privilegiou o incentivo fiscal na produção cinematográfica.

A obra destaca a viagem da amargurada professora Dora (Fernanda Montenegro) pelo interior do Nordeste para restaurar as raízes familiares de um garoto perdido na estação central do país. Nesta odisseia, ela passeia pelas representações tradicionais do sertão entendido por Oliveira (2001) como inferno, purgatório e paraíso. Neste trajeto, Dora transmuta sua amargura frente aos sertões, descobrindo afetividades improváveis. Desde o olhar sobre o feminino, a protagonista conduz o Brasil a encontrar novos sertões.

A estética destes novos sertões do cinema explora um universo mais colorido, rico, de natureza exuberante e ritmos mais entusiasmantes. Um exemplo deste novo estilo de ver e representar o sertão é *Baile Perfumado* (1996), codirigido por Lírio

Ferreira e o pernambucano Paulo Caldas. Nesta original representação do cangaço, as mulheres da trama, como Maria Bonita, aparecem transgressivas e renovadas, rompendo com a imagem tradicional feminina de subserviência e passividade (Paiva, 2007).

Um dos destaques destas novas mulheres se apresenta em *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), um dos campeões de bilheteria nacional, com uma protagonista bem feminina. Lisbela é delicada, romântica e sonhadora, e através da sua leveza inventiva estabelece novas tramas e rumos para sua vida. A iniciativa faz parte de uma série de produções que apresentaram abordagens identitárias femininas mais próximas de um sertão leve, poético e divertido, fundamental para a conquista e ampliação de mercados (Xavier, 2009).

A ruptura com o discurso e os papeis tradicionais femininos é mais radical em *Eu, Tu, Eles* (2000), de Andrucha Waddington. O filme é baseado na história real de uma trabalhadora rural sertaneja (Darlene) que vive com três maridos, sob o mesmo teto. Essa condição inusitada é permeada de rupturas e polissemias. Por exemplo, a obra foi saudada pelas feministas francesas do Festival de Cannes como uma heroína libertária; mas para a Darlene da vida real, sua experiência não tinha nenhuma aspiração revolucionária. Ela era apenas uma boia-fria sertaneja que articulou os casamentos como estratégia funcional para aliviar as péssimas condições de vida no campo (Spini, 2013).

Independente dos sentidos da recepção, a questão é que as personagens da vida real e da ficção provocaram novos sentidos sobre as relações de gênero no semiárido nordestino. E não foi só nesta superprodução que as mulheres sertanejas foram retratadas de maneira diferenciada. Essas inovações discursivas apareceram também na produção mercantil massiva, como na novela *Cordel Encantado* (2011), que tem no cenário sertanejo tradicional a paisagem ideal para seu conto medieval reeditado. Na trama, as mocinhas sertanejas como Açucena e Doralice fogem dos estereótipos das princesas e donzelas a espera da salvação e do casamento. Elas são fortes, astutas e tecem suas próprias escolhas e destinos.

O Céu de Suely (2006) é outro exemplo destas novas produções que se marcam nas estéticas e enredos diferenciados sobre os sertões contemporâneos. O filme aborda o tema das migrações reversas, e as transformações identitárias que transformam a jovem Hermila em Suely, ao tratar o drama das sertanejas que voltam das metrópoles para os sertões e passam por um processo de “desenraizamento”. Suely questiona as identidades tradicionais de gênero, como o lugar da maternidade, o abandono parental e a decisão sobre o próprio corpo. A trama problematiza as representações e valores de gênero tradicionais e inaugura novos ângulos sobre as juventudes sertanejas, em especial sobre o inovador processo de empoderamento feminino.

Sobre a questão das novas migrações sertanejas, o premiado filme *Que horas ela volta* (2015), de Anna Muylaert, aborda os conflitos geracionais e de classe que a chegada dos sertões da Era Lula produziram nas metrópoles. A trama coloca o enfrentamento entre Jéssica, a filha da empregada que vai a São Paulo prestar vestibular, com a classe média paulistana. Ela apresenta um sertão renovado, jovem, que tem acesso a internet, que estudou história, que sonha e questiona. Jéssica se recusa a ocupar os lugares tradicionalmente destinados aos migrantes nordestinos na metrópole. Nos sertões tradicionais, o simples fato de sonhar é revolucionário. Esse sertão que sonha é transgressor, e provoca uma série de rupturas na vida da mãe Val, e das relações de gênero e de classe social das famílias brasileiras.

O longa-metragem *Boi Neon* (2015), de Gabriel Mascaro, também lança lentes mais poderosas para captar as sutis novidades destes novos mundos sertanejos. E Iremar, interpretado por Emílio Cazarré, é um vaqueiro que alimenta o desejo ainda menos convencional de ser estilista no Polo de Confecções do Agreste. A obra questiona sexualidade e divisão social do trabalho a partir da resignificação do boi e dos vaqueiros, retratando sertões mais coloridos e flexíveis.

Outras obras hegemônicas fizeram outras tentativas de incorporar os novos enredos e sertões, como a série *Amores Roubados* (2015) e a novela *Velho Chico* (2016), da Globo. Nestas superproduções, os sertões aparecem reestilizados, emergindo sinais da modernização do semiárido, como as vinícolas do agronegócio, os cangaceiros motorizados, ou os conflitos agrários.

A questão é que os enredos transitam entre elementos conservadores, como as relações patriarcais, o coronelismo, e a inovação de paisagens e possibilidades de atuação, principalmente para as mulheres que passam a sonhar mais e a buscar tomar as rédeas do próprio destino.

Identidades e gêneros na fronteira

Compreender as lógicas de consumo e os sentidos da recepção desta intensa e plural produção cultural é um desafio latente. Com o desafio de mapear as lógicas da recepção e estas novas identidades, foram realizadas rodas de conversa utilizando metodologias de educomunicação com mais de 500 jovens sertanejos em uma pesquisa de ação-participação independente2 em comunidades dos sertões da Bahia. Os resultados compõem o livro Sertões Contemporâneos (Moreira, 2018), e neste trabalho se faz um recorte das perspectivas de gênero apontadas por essa nova geração de sertanejos e sertanejas.

De uma maneira geral, eles embarcaram na onda da globalização e sonham principalmente com bens de consumo e inclusão social. Mas reconhecem sua posição marginal neste cenário, expresso na falta de projetos de futuro. Não se identificam com a terra, nem com o trabalho da roça. E principalmente as mulheres, buscam reconstruir seus parâmetros sobre as relações de gênero, sem apelar às tradições ou com o sertão do passado.

Retomando o argumento original do sertão do boi, esses jovens encontraram nos novos estilos musicais e nos bens de consumo, uma forma de superação das precárias e sofridas condições cotidianas de existência que permaneceu na pobreza herdada do passado. A valorização da sexualidade, tema sempre presente nos novos hits, parece apontar o prazer, o álcool e o sexo como um lugar de conforto em meio a estruturas excludentes. Na impossibilidade de exercer outros domínios, o sexo continua assumindo o lugar privilegiado do exercício de poder masculino, como nos “cabra-machos” do passado.

Ao expor essa hipótese as jovens de Piatã, o grupo de meninas complementou a abordagem. Fãs de fenômenos do “sertanejo universitário” de Maiara, Maraílsa e Marília Mendonça, produzido nas periferias de Goiás, elas contam que se identificam com estas canções porque elas refletem mulheres “diferentes”, que estão emancipando o papel feminino. O repertório destas artistas fala de relações amorosas mais líquidas e

[2] Contamos com o apoio da CPT, UNEB, escolas família agrícola e principalmente, dos meus alunos da UNEB que acompanharam as atividades, ajudaram a montar as rodas de diálogo, e também eles se colocaram como investigados participantes e observadores de um cenário em mutação.

de comportamentos femininos pouco convencionais, como a traição e o alcoolismo. Nestas novas afirmações de gênero, a mulher é convocada a reproduzir os padrões e valores do cabra-macho. Elas rompem com o lugar de trabalhadoras, recatadas e do lar que foi imposto historicamente às mulheres sertanejas.

A ruptura com o modo de vida das "mulheres de antigamente", vai além da busca de novas identidades. Ela é a expressão do desejo de novas relações de gênero, menos rígidas e opressoras, e de melhores condições objetivas de existência, como fica evidente no depoimento de Bia, (19), que assume publicamente sua homossexualidade: "Quem disse que eu tenho de carregar lata d'água na cabeça e passar o dia lavando e cozinhando pra marido? Eu quero é beijar na boca e ser feliz", diz a garota que parece muito próxima à liberdade feminina apontada em o Céu de Suely.

O caso de Preto (21) parece mais próximo do Boi Neon. Ele integra movimentos universitários, como o Levante Popular da Juventude. Há dois anos ele assumiu sua homoafetividade nas redes sociais e nos eventos estudantis que participa. Mas quando retorna para a comunidade de Cisterna, município de Souto Soares, onde passa os finais de semana com os pais, Preto ainda nega sua condição sexual: "Juro pra mãe e pras beatas, de pé junto, que sou cabra-macho". O receio é de que a fluidez da sua masculinidade no mundo virtual, não seja bem acolhida na comunidade real de origem.

Júlia (23), da comunidade quilombola do Remanso, é beneficiária do bolsa-família e mãe de quatro filhos. As crianças são constantemente vítimas de preconceito por exibirem cabelos blacks. Questionada se a opção reflete maior consciência da condição racial, a mãe fica insegura: "Acho que é mais porque eles vêm um monte de artista usando essas novas modas na televisão e querem usar também". Júlia usa um megahair bem liso e tem vergonha de dizer que pratica o jarê3. Há cinco anos, vive na periferia de Lençóis e evita cultivar qualquer vínculo com os saberes tradicionais de suas avós, que eram parteiras e curadeiras. "Esse negócio não tem futuro, não. Ninguém mais acredita nisso e eu preciso é ganhar dinheiro e criar os meninos", sentencia.

Todas essas inovações e contradições integram o cotidiano desta juventude que afirma que "a pessoa pode estar mal, mas tem de parecer que está feliz, ou parecer que está podendo". Esses jovens tendem a expor sua alegria instantânea em redes sociais, ou através de sons de carro cada vez mais alto, reproduzindo e exibindo sua felicidade por meio de mecanismos violentos de difusão. "Essa música alta me incomoda, parece que querem estuprar os meus ouvidos. Eu não quero escutar, mas eu sou obrigada. E quando eu vejo, já tou cantando e dançando igual", revela Rai (28), uma jovem do bairro José e Maria, em Petrolina.

Essas novas socialibilidades, da festa, da virtualidade e do som alto, em que a música grita, são parte da permanência de uma cultura do silêncio. Quando em tentativas de prosas e rodas de conversa para além de temas do cotidiano, esses mesmos jovens se revelaram mudos. Uma das perguntas persistentes na pesquisa-ação era a respeito dos sonhos e projetos de vida. As respostas eram reveladoras da falta de palavras e de perspectivas de futuro. Menos de 20% dos garotos e garotas entrevistados diziam ter planos de fazer uma universidade ou de empreender alguma ação diferenciada em suas comunidades. A grande maioria não sabe o que fazer da vida, além de "curtir o agora".

[3] Expressão da religiosidade africana típica das comunidades quilombolas da Chapada Diamantina.

Conclusões

Entre estereótipos e inovações, essas tramas revelam fragmentos de um sertão em crise. Ora tendem a reproduzir antigos padrões e visões, revelando os sertões que permaneceram. Ora permitem entrever novos lugares e cenários de atuação de gênero. Nos novos sertões, os bois do passado não morreram. Eles coexistem com identidades não tão rígidas e sentidos transmutados.

As lentes e discursos destas obras captam sertões em ebulição, que para além das telas, tem impactado a vida real dos sertanejos. Os novos sertões são estética e economicamente mais vibrantes e potentes, com cidades densamente povoadas e efervescentes, mas também com um acelerado processo de desagregação social. A modernização periférica que chegou aos sertões promoveu mais tecnologia, e emancipou muitas mulheres, mas desvinculou os sertanejos e sertanejas da terra e de suas identidades.

A transição do sertão a semiárido impactou nas relações com o outro, com o trabalho, com a terra, e com os ritmos da vida e da natureza. Mas não alterou as estruturas fundiárias, nem eliminou o racismo ou patriarcado. Entre as tantas inovações, os sertões globalizados abriram brechas para vozes mais polifônicas e a inclusão feminina, como a de Suely, Darlene, Jéssica e Iremar. Mas estes novos papeis estão limitados dentro das lógicas do capital e dos mercados, e das estruturas de dominação que se reconfiguraram.

É preciso reconectar essas mulheres (e homens) com seus corpos, com a terra e com a ancestralidade, e não apenas com as novas tecnologias. As lógicas de consumo desenfreado têm levado estes novos sertanejos a um cenário de crise identitária, com percepções cada vez mais desencantadas, desterritorializadas e afastadas de si. Sem chão, toda representação é vazia e ilusória, como o céu de Suely.

Os novos sertões ainda têm as marcas do boi e do latifúndio. E mesmo as conquistas das últimas décadas são tênues, frágeis e vulneráveis, estando fortemente ameaçadas pelas novas transmutações conservadoras. Enquanto os novos sertões ensaiam apenas abordar temas como sexualidade e métodos contraceptivos, o avanço da religiosidade neopentecostal aponta para a resignificação da virgindade e dos valores tradicionais que recolocam o corpo como tabu.

Num tecido em que passado e futuro se misturam, as novas identidades de gênero emergem se aproximando mais do desertão do boi, mítico e árido de sonhos, apesar das aparências retocadas de tecnologias e redes sociais. Numa abordagem ecofeminista e decolonial, meu convite é para a retomada dos sertões afetivos como ponto de partida para repensar os “sentidos”, a memória e a ação a partir de uma ancestralidade e identidade feminina, que passou séculos invisibilizada nas roças.

Toda vez que o cinema evoca a beleza e a leveza cosmética dos sertões, ele restabelece o laço com essa ancestralidade feminina, porque toda essa arte não se teceu sem autoria... Essa autoria dos sertões dos afetos é uma autoria coletiva e feminista. Reconhecer esta tessitura faz parte de resignificar o lugar dessas mulheres rendeiras da vida do passado, para que as novas gerações possam resgatar e reconduzir sua própria história, ajudando a parir outros sertões. Elas foram responsáveis pelo embelezamento dos sertões desde as sombras, e ler essas entrelinhas aponta para possibilidades de enfrentamento e resistência num cenário de barbárie.

Esse reconhecimento deve ser feito desde a necessidade de desconstrução das matrizes patriarcais, latifundiárias e racistas que lhe deram origem. A contribuição das

mulheres na identidade sertaneja fez parte de um doloroso processo de resistência e resignificação em um ambiente em que a cultura do estupro e a misoginia foram parte da tessitura.

Talvez a dificuldade de reconhecimento do legado feminino sertanejo seja parte do medo que os sertões do passado nos transmitem. Medo de reproduzir o lugar de nossas ancestrais, de enfrentar os trajetos de violência e privações, de voltar às dificuldades do trabalho na roça, da fome e das "latas d'água na cabeça".

Ao longo de séculos, as mulheres sertanejas desenvolveram uma relação de cuidado da terra, das águas, das sementes etc., aproximando-as do fazer ecologista. Mas todo o processo de negação e violência contra esses saberes, está sob ameaça com o avanço das novas lógicas de exploração. O distanciamento das mulheres sertanejas de suas matrizes culturais não necessariamente indica a conquista de novos direitos.

Reconhecer e compreender estas origens é fundamental para repensar o olhar sobre os sertões contemporâneos e suas transformações. Elas fazem parte de uma sociedade em crise, que por um lado questiona e rompe com os modelos tradicionais, como as figuras clássicas dos vaqueiros e mulheres-rendeiras. Por outro, abre possibilidades de reinvenção de si, e de sertões e sertanejas mais livres e felizes.

Referências

AINOUZ, Karim. *O Céu de Suely*, 2006. Rio de Janeiro: Videofilmes. (90 minutos).

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALENCAR, José. *O sertanejo*. Fortaleza: Verde Mares, 1998.

ANDRADE, Lizandra Filgueiras. *Gênero e feminismo na obra "O quinze" de Raquel de Queiroz*. 2015. 34 f. Artigo (Graduação em Letras) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.

ARAÚJO, Tânia Barcelar. *Nordeste*: desenvolvimento recente e perspectivas. Brasília, DF: BNDES, 2015.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

ARRAES, Guel. *O auto da compadecida*, 2000. Rio de Janeiro: Globo Filmes (104 minutos).

ARRAES, Guel. *Lisbela e o prisioneiro*, 2003. Rio de Janeiro: Globo Filmes (106 minutos).

BARROS, Alexandre; ATHIAS, Diloá. Salário mínimo, Bolsa Família e desempenho relativo recente da economia do Nordeste. Economia Política, São Paulo, v. 33, n. 1, jan./mar. 2013.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BULTEAU, Veronique. *Para uma antropologia do Sertão*: ecologia e sociologia do cotidiano. Petrolina: Edupe, 2016.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (Orgs.). Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília, DF: MDA, 2011.

CACCIAMALI, Maria Cristina; TATEI, Fábio; BATISTA, Natália Ferreira. Impactos do Programa Bolsa Família federal sobre o trabalho infantil e a frequência escolar. Revista de Economia Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 269-301, 2010.

CALASANS, José. *As mulheres de Os Sertões*. In: FERNANDES, Rinaldo de. O clarim e a oração. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

CALDAS, Paulo; FERREIRA, Lírio. *Baile Perfumado*. 1996. São Paulo: Buena Vista Home Entertainment (93 minutos).

CASCUDO, Luís da Câmara. *A vaquejada nordestina e sua origem*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969.

BARROSO. Carmem. *Mulher, Sociedade e Estado no Brasil*. São Paulo: Edição conjunta UNICEF e Brasiliense, 1982.

CARVALHO, Agenor; SÃO JOSÉ, Elisângela. Empoderamento feminino em "Vidas Secas", de Graciliano Ramos. REVELL v.2, nº 16 - Literatura e Oralidade. P 286 – 305, 2017.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

COUTINHO, Eduardo. *Cabra marcado para morrer*, 1984. Gaumont do Brasil (119 minutos).

COSTA, Michele. Assessoria da Casa de Mulheres do Nordeste: reconfigurando as relações de gênero com as agricultoras no Sertão do Pajeú. 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – UFRP, Recife, 2014.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: a campanha de Canudos. 37. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FALCÃO, João. *A máquina,* 2005. Globo Filmes, Miravista Pictures e Buena Vista Internacional. (90 minutos).

FALCI, Miridan Knox. *Mulheres no Sertão Nordestino*. In DEL PRIORE, Mary História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

FUNARI, Juliana; PEREIRA, Mônica. *Um sertão de águas: mulheres camponesas e a reapropriação social da natureza no semiárido pernambucano*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Fundo de Cultura, 2006.

GOMES, Simone da Silva Ribeiro. Notas preliminares de uma crítica feminista aos programas de transferência direta de renda: o caso do Bolsa Família no Brasil. Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 69-81, 2011.

GUEDES, Nathassia. Religiosidade feminina e sociedade patriarcal no romance nordestino. Prolíngua, João Pessoa, v. 2, n. 2, jul./dez. 2008.

HARRIS, Hugo. *Cabra marcado para morrer*: mosaico de fragmentos no documentário de Eduardo Coutinho. São Paulo: PUC, 2008.

HOEFLE, Scott William. Igreja, catolicismo popular e religião alternativa no sertão nordestino. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 26, n. 1/2, p. 24-47, 1995.

JALIL, L. M. *As Flores e os Frutos da Luta o Significado da Organização e da Participação Política para as Mulheres Trabalhadoras Rurais*. 2013. 206 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2013.

JANCZ, Carla; MARQUES, Gláucia; NOBRE, Miriam; MORENO, Renata, MIRANDA, Rosana; SAORI, Sheyla, FRANCO, Vivian. *Práticas feministas de transformação da economia: autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira*. São Paulo: SOF, 2018.

JUNG, Cari Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1964.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MASCARO, Gabriel. *Boi neon*, 2015. Rio de Janeiro: Imovision (101 minutos)

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. *Famílias desagregadas sobre a Terra Ressequida: Indústria da Seca e Deslocamentos Familiares no Nordeste do Brasil*. 2012. Disponível em http://dx.doi.org/10.5209/rev_NOMA.2012.41773

MEDEIROS, Salomão; CAVALCANTE, Arnóbio; PEREZ, Aldrin; MELO, Leonardo; Salcedo, Tinôco; PINTO, Tiago. *Sinopse do Censo Demográfico para o Semiárido Brasileiro*. Campina Grande: INSA, 2012.

MELLO, Frederico. *Guerreiros do Sol*: violência e bandistismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: A Girafa, 2011.

MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

MENEZES, Sônia. Comida de ontem, comida de hoje. O que mudou na alimentação das comunidades tradicionais sertanejas?. Ano XIII, v. 1, n. 2, julho/dezembro, 2013, p. 31 http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/index Rio Claro / SP, Brasil.

MIES, Maria, SHIVA, Vandana. *Ecofeminisme*. Paris: L'Harmattan, 1998.

MOREIRA, Gislene. *Sertões Contemporâneos: rupturas e continuidades*. Salvador: Edufba/Eduneb, 2018.

MUYLAERT, Anna. *Que horas ela volta*, 2015. Rio de Janeiro: Pandora Filmes (114 minutos).

NOVAIS, Suzimar. *As mulheres sertanejas*: política e economia no sertão da ressaca. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

OLIMPIO, Domingos. *Luzia-homem.* São Paulo: Martim Claret, 2016.

OLIVETTO, Homero. *Reza a lenda*, 2016. Rio de Janeiro: Globo Filmes e Imagem

Filmes (87 minutos).

PAIVA, Carla. Mulheres-macho ou sensuais? Apontamentos sobre a representação das mulheres nordestinas no cinema brasileiro da década de 1980. C&S – São Bernardo do Campo, v. 34, n. 2, p. 261-281, jan./jun. 2013.

PAIVA, Carla. Do local ao global, imagens do Nordeste na idade mídia. Uma antropológica da ficcionalidade brasileira. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília. *Anais*… 2006. São Paulo: Intercom, 2006.

PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino*: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. São Paulo: José Olympio, 2016.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 10. ed. São Paulo: Record, 2006.

RÊGO, André Heráclio do. *Família e Coronelismo no Brasil*: uma história de poder. São Paulo: A Girafa, 2008.

RÊGO, Walquiria; PINZANI, Alessandro. *Vozes do Bolsa Família*: autonomia, dinheiro e cidadania. São Paulo: Unesp, 2013.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Sargento Getúlio*. São Paulo: Ponto de Leitura, 2010.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAFFIOTTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SALLES, Walter. *Central do Brasil*, 1998. Rio de Janeiro: Vídeo Filmes (115 minutos).

SCARELI, Giovana; CARVALHO, Iza; AZEVEDO, Renata. *A mulher nordestina nos filmes O Céu de Suely, Baile Perfumado e Luzia Homem.* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SCHISTEK, Haroldo. *Formação histórico-geográfico do semiárido brasileiro*. 2013. Disponível em: <http://www.irpaa.org/publicacoes/artigos/histsemi-arido10-09.mini.pdf>. Acesso em: 8 abril 2013.

SILVA, Érica. *Da passadeira ao canal de concreto*: a agricultura e as mudanças no modo de vida da população do Vale do Salitre. Petrolina: UPE, 2013.

SPINI, Ana Paula. Eu, Tu, Eles, Nós e o Outro. Revista Gênero, Niterói, 2013.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *Ser-Tão Baiano*: o lugar da sertanidade na configuração da identidade Baiana. Salvador: Edufba, 2012.

VASCONCELOS, Cristiane Cândida de Oliveira; NUNES, Danielle Milenne Príncipe; SILVA, Marcelo Saturnino da. *Percepção do preconceito entre os migrantes nordestinos no estado de São Paulo*. *Saúde Coletiva em Debate*, Serra Talhada, v. 1, n. 1, p. 54-69, out. 2011.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *É um romance minha vida*: D. Farailda, uma casamenteira no sertão baiano. Salvador: Edufba, 2017.

VASCONCELOS, Tânia Mara. “Moças seduzidas”: relações sexo-afetivas de mulheres das camadas populares em jacobina em processos judiciais (1940-1970). Natal: Anais do XVII Simpósio Nacional de História. 2013.

VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. *Coronel, Coronéis*: apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

WADDINGTON, Andrucha. *Eu, tu, eles,* 2000. Rio de Janeiro: Columbia Pictures do Brasil (104 minutos).

ZIRBEL, Ilze. Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2017 (dissertação de mestrado).

Notas de autoria

Gislene Moreira é autora do livro *Sertões Contemporâneos: rupturas e continuidades*. Pesquisa o tema há mais de 20 anos junto a movimentos sociais e de comunicação popular no semiárido e na América Latina. Em 2011 foi premiada pela Alas/Clacso pela tese Las Hormigas de Macondo. É doutora em Ciências Sociais e Política pela Flacso/México e mestre em Cultura e Sociedade pela UFBA. Atua agora como professora da Uneb na Chapada Diamantina, onde se dedica a temas de cultura, comunicação e crise ecológica. É mãe do Chicó e da Luísa. E-mail: gislene.moreira00@gmail.com.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista
MOREIRA, Gislene. Identidades de gênero nos sertões contemporâneos. *Sæculum* – Revista de História, v. 24, nº 41, p. 354-372, 2019.

Contribuição de autoria
Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem
Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa
Não se aplica.

Licença de uso
Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico
Artigo recebido em 22/08/2019.
Artigo aprovado em 10/10/2019.